

## TRIBUNAL POPULAR

### para julgar a Intervenção Federal na CIPLA e Interfibra



PÁGINA 7

#### EDITORIAL

### Exército, PM e Narcotráfico são as três faces da barbárie capitalista

No final de 2007 órgãos de imprensa burguesa – como a Revista Veja, por exemplo – deitaram e rolaram com a repercussão do Filme “Tropa de Elite” e desenvolveram a partir daí que a solução dos problemas dos morros do Rio é mais BOPE, mais tortura, mais repressão, mais extermínio nas favelas. E defenderam isso ostentando que – mesmo diante da inegável desmoralização da PM (Polícia Militar) – era possível existir uma Polícia Militar “honest”, “incorruptível”. E que o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) da PM carioca, era a prova disso.

No Jornal Luta de Classes nº 7 (Nov/2007), um artigo do companheiro Caio Dezorzi explica que um soldado do BOPE está tão sujeito à corrupção quanto um soldado da PM comum. Qualquer força de repressão será sempre contaminada pelo dinheiro do narcotráfico na sociedade capitalista. Esta é a história do exército da Colômbia de Uribe, do Peru de Fujimori e muitos

outros.

E os milhões de dólares que se movem entre os olhos e as mãos do comando da PM hoje, rapidamente passariam a se mover nas barbas do exército. É por isso que a cúpula do PSDB busca preservar o exército como “única força de contenção social” ainda não desmoralizada pelo narcotráfico. Já a burguesia local do RJ e seus oficiais da PM estão desesperados com a “ocupação” de seu ponto de negócios pelo exército. É isso que explica as manchetes dos jornais burgueses “Exército mata...” e quando falam da PM sempre é “Policiais matam...” ou “PMs matam...”, mas sempre preservando a instituição.

Para os marxistas trata-se de mostrar que tanto o exército quanto a PM não são solução para o narcotráfico e que o que se passa nos morros do Rio é fruto da decomposição social provocada pelo capitalismo. O Brasil que Lula tenta vender dizendo que “descolou” da crise dos EUA e cujo crescimento econômico é elogiado pelos banqueiros e empreitei-

ros é o mesmo em que a juventude não tem futuro e os empregos criados são precários, rebaixados, de quinta categoria.

É por isso que morreram os três jovens do Rio vendidos por soldados para traficantes de um morro rival.

A solução, como bem coloca um artigo do companheiro carioca Flavio Almeida, publicado no site da Esquerda Marxista, é ocupar as favelas com escolas, hospitais, emprego, saneamento, arte, esporte, lazer, etc. E não com pinturas novas para as casas como está fazendo o projeto do PAC a serviço eleitoreiro para o bispo Crivella. E dinheiro para tudo isso existe, entretanto, enquanto o Governo Lula estiver aliado com os capitalistas, como Crivella, Sarney, Collor, etc., o nosso dinheiro não será usado para nada disso.

Apesar da defesa que Lula faz do regime capitalista hoje é cada vez mais evidente que só o socialismo pode interromper a escalada da barbárie nesta sociedade moribunda e podre. Por isso exigimos

que o PT rompa as alianças com os burgueses e atenda as reivindicações, abrindo as condições para o socialismo. Mais do que nunca está atual o que disse Rosa Luxemburgo: “Socialismo ou Barbárie!”

Construiremos o socialismo só com luta! E os trabalhadores e a juventude não param de lutar! Há os que resistem, como os companheiros das fábricas ocupadas, os sem-terra, os sem-teto e tantos outros. No Estado de SP a greve dos professores da rede estadual segue forte e mais de 60 mil pessoas pararam o trânsito da maior cidade do hemisfério sul. Em Santa Catarina, o Movimento das Fábricas Ocupadas prepara o Tribunal Popular para Julgar a Intervenção na Cipla e Interfibra, com delegações de todo o Brasil e vários países da América Latina. Em dezenas de cidades ocorrem reuniões preparatórias ao Acampamento Nacional pela Revolução, organizado pela Juventude Revolução.

Assim, lutando e nos organizando, venceremos!

#### PROFESSORES

Milhares sacodem São Paulo

PÁGINA 2

#### A AMAZÔNIA É NOSSA

Entenda melhor as ameaças à selva

PÁGINA 3

#### FLASKÔ

Cinco anos de controle operário e luta pelo socialismo

PÁGINA 6

#### VITORIOSA CONFERÊNCIA

Tirem as mãos da Venezuela

PÁGINA 9

#### JUVENTUDE

Acampamento pela Revolução a todo gás

PÁGINA 11

## PAINEL

## Menos horas para o Patrão

Hoje, a jornada de trabalho dos brasileiros é de 44 horas semanais. Várias centrais sindicais, dentre elas a CUT, levaram de forma bastante modesta uma campanha pela redução da jornada para 40 horas semanais. Os capitalistas dizem que se reduzir a jornada, vários comércios irão fechar e o desemprego irá aumentar. Mas isso é falso! O verdadeiro interesse deles é explorar ao máximo os trabalhadores para terem o aumento de seus lucros. Segundo o DIEESE, a redução para 40 horas semanais geraria 2 milhões e 500 mil novos postos de trabalho no país. Além disso, mesmo em outros países capitalistas, a jornada de trabalho é inferior à brasileira (veja tabela abaixo). Na Venezuela, o processo revolucionário já fez baixar a jornada para 40 horas semanais, o referendo constitucional votado no ano passado propunha a redução para 36 horas, apesar da derrota das propostas de mudanças na constituição, o presidente Hugo Chávez se comprometeu a ir abaixando gradativamente a jornada para chegar às 36 horas semanais até 2010.

No fundo, se o trabalho fosse dividido entre todos os seres humanos de forma racional, coisa que o capitalismo jamais poderá fazer, cada pessoa poderia trabalhar muito menos que 40 ou 30 horas semanais, sobraria tempo para o lazer, o descanso e o estudo, ou seja, sobraria tempo para o desenvolvimento individual e coletivo da humanidade, mas o capitalismo necessita da exploração da força de trabalho e da manutenção de um exército de desempregados. Tal fato só reforça a urgente necessidade da edificação do socialismo em todo o mundo.

PAÍS	JORNADA DE TRABALHO
Canadá	31 horas semanais
Argentina	39 horas semanais
Alemanha	39 horas semanais
Venezuela	40 horas semanais
EUA	40 horas semanais

## EDUCAÇÃO ESTADUAL

# Professores em Greve fazem tremor São Paulo

ALEX MINORU

No dia 13 de Junho, cerca de 30 mil professores da rede estadual paulista aprovaram o início de uma greve por tempo indeterminado. No dia 20 de junho uma grata surpresa! O dobro de professores lotou o vão livre do MASP e votou a continuidade da greve, rejeitando a ridícula proposta do governo de um reajuste de 12%, valor muito inferior às perdas salariais da categoria no último período, sem falar que a proposta não toca em nenhum outro ponto da pauta de reivindicações.

Uma assembleia massiva, a aprovação da greve e a crescente mobilização da categoria, vieram depois de mais um ataque do governo estadual: o decreto 53.037/08. A categoria vem sofrendo duros e sucessivos ataques: três anos sem reajuste salarial (mesmo o dado em 2005 foi insuficiente para compensar as perdas salariais de 12 anos sem reajuste); no ano passado a previdência foi atacada; no iní-

cio desse ano foi aprovada uma lei que restringe as faltas médicas a 6 por ano e a 1 por mês (como se fosse possível escolher quando e por quanto tempo ficar doente!). A isso se somam as péssimas condições de trabalho, a falta de estrutura nas escolas, a superlotação das salas de aula e a campanha feita pela mídia que joga nas costas dos professores a culpa pelos maus resultados da educação pública. O decreto parece ter sido a gota d'água que fez o copo transbordar. As grandes assembleias e passeatas que enchem as principais avenidas da cidade, demonstram a força dos professores para construir uma mobilização vitoriosa.

O tal decreto consiste em limitar a remoção de professores entre escolas. Isso é ruim, pois muitos professores se efetivam, por falta de opção, em uma escola longe do local onde moram (muitas vezes em outra cidade) e por isso se utilizam do artigo 22 da lei 444/85 para serem removidos a uma escola mais próxima substituindo um professor dessa unidade. O



Assembleia na Praça da República

Decreto impede que professores efetivos que tenham sofrido qualquer tipo de penalidade, que foram obrigados a acumular mais de 10 faltas, de qualquer natureza, e aqueles que usufruíram de licenças médicas e prêmio, possam utilizar o artigo 22. Os professores em estágio probatório (período de 3 anos após a posse) também estão impedidos de utilizar o artigo 22 e de prestarem concursos para remoção.

O decreto determina também que os professores temporários (ACTs) tenham que passar por um processo seletivo no âmbito da diretoria de ensino para poderem ter aulas atribuídas - isso antes não era necessário. Evidentemente a solução real a ser dada para acabar com o problema de professores temporários, que a cada ano são assombrados pelo fantasma do desemprego, é a abertura de concursos públicos para a efetivação desses profissionais.

Limitar a utilização da remoção por parte de professores que tenham sofrido penalidades, abre brecha para retaliações por motivações políticas. Assim como a

ampliação do estágio probatório e o endurecimento de suas regras, servem também para coibir a mobilização dos professores. Mas mesmo com todas essas pressões, ao final da primeira semana de greve, o sindicato informava que 60% da categoria tinha aderido e paralisado as atividades.

Nas assembleias ficou nítido como a pressão da base fez com que a direção da Apeoesp (sindicato dos professores) fosse mais longe do que gostaria e tivesse que adotar uma postura mais radical. A tarefa é ganhar mais professores para a greve e manter a mobilização, mostrando que o único caminho é a luta. Sem a pressão, mesmo esse reajuste de 12% não teria sido concedido pelo governo. Quando os professores se unem o governo treme e recua, é possível sim conseguir o atendimento das reivindicações, desde que a categoria não ceda às pequenas concessões e ameaças e se mantenha firme lutando pelo atendimento de toda a pauta de reivindicações. Nova assembleia está marcada para o dia 27 de Junho. Todos à luta!



## ASSINE LutadeClasses

Jornal da Esquerda Marxista • 12 N°s - R\$ 36,00  
Pela reconstrução da 4ª • 12 N°s - R\$ 50,00  
Internacional (solidário)

Peça sua assinatura por carta, telefone ou e-mail.  
Av. Santa Marina, 440, cj.04 - Água Branca, São Paulo, SP-CEP: 05036-000  
Fone: (11)3615-2129 e-mail: contato@marxismo.org.br home: www.marxismo.org.br

# A Amazônia é Nossa

FLÁVIO ALMEIDA

Sobre a Amazônia, pode-se dizer que Lula foi promovido de amigo dos fazendeiros a principal organizador dos interesses do agronegócio na região. Em 2006 decidiu privatizar a Amazônia através da Lei de Gestão de Florestas Públicas (ver box). Em janeiro de 2008, “descobriu” que ocorreu um desmatamento brutal entre agosto e dezembro de 2007: foram 7mil Km<sup>2</sup> (INPE), ou seja, área equivalente e 4,7 vezes a cidade de São Paulo. Fato relevante é que 80% das cidades líderes do desmatamento têm prefeitos de partidos aliados na coalizão de Lula com a burguesia. Em 2008 não houve um mês em que o desmatamento tenha cessado. E como se não bastasse, Lula editou a MP 422/08, apelidada de "PAG (Plano de Aceleração da Grilagem)", que, atendendo a interesses da bancada ruralista (pois é cópia fiel de um projeto de lei do Deputado Asdrúbal Bentes, do PMDB-Pará), possibilita a legalização da grilagem na Amazônia. (ver box).

## MP 422/08

Essa MP dispensa licitação para aquisição das terras públicas - maior parte das terras na Amazônia Legal - do INCRA de imóveis com até 1.500 hectares (enquanto a Constituição previa apenas 50 hectares e a lei de licitações estabelecia, até então, no máximo 500 hectares). Isso quer dizer que aqueles que ocuparam terras públicas - e 1500 hectares não são pequenos posseiros, mas grandes fazendeiros - vão ser premiados com a legalização de seus "grilos", o que, certamente, ensejará a aceleração do processo de concentração de terras e degradação da natureza.

## A floresta tem que dar lucro?

Acumular capital é a premissa da burguesia pra Amazônia. Um dos representantes dessa classe de saqueadores da floresta no governo federal é o ministro Mangabeira Unger. Sua proposta não é reverter o desmatamento e sim utilizar áreas desmatadas para agricultura e pecuária de exportação. Ele também fala que sobra água inutilmente na Amazônia. Onde já se viu “águas inúteis”? Essas águas são tão inúteis para a Floresta como o sangue é inútil para nosso corpo. Qualquer criança sabe que sem água, a floresta deixa de ser floresta, isto é, deixa de abrigar a diversidade biológica fantástica onde habitam povos de culturas distintas. A floresta para Mangabeira Unger, tem de ter resultados econômicos. A Amazônia tem de dar lucro. E é essa cartilha que Lula vem aplicando cegamente.

## Desenvolvimento “Sustentável”?

Esse é o novo nome do capitalismo, onde a ecologia é utilizada como cortina de fumaça para esconder o conteúdo dos projetos da classe dominante: enriquecimento de meia dúzia, exploração do povo e destruição da natureza.



Poderíamos aqui desmentir em detalhes as falácias de que a exportação de mais madeira, gado, minérios, soja, cana, etc. vai gerar um “desenvolvimento” na região. Mas os povos da Amazônia já estão vacinados contra essa ideologia “desenvolvimentista”. Pois eles sabem que no passado a Amazônia chegou a produzir 100% da borracha que circulava no mercado mundial, entretanto isso não significou “desenvolvimento” para o povo (escolas, hospitais, saneamento básico, habitação, serviços públicos, etc). Tudo porque, antes como hoje, esse “desenvolvimento” se baseou na propriedade privada dos meios de produção. Eis o fundo da questão.

## Problemas ambientais são problemas sociais

O fundo de todo problema ambiental é um problema social. Não é uma saída política para os trabalhadores defender maior presença do Estado na Amazônia. Como explicamos, o Estado é um dos organizadores do holocausto da floresta. Também dessa forma, há décadas se vem tentando coibir o avanço do capital com suas monoculturas na Amazônia por meio das Reservas Extrativistas e criação de outras Unidades de Con-

## Sucateamento do IBAMA

Declarações de Calúdio Cazal, chefe do IBAMA em Alta Floresta (830 km de Cuiabá, MT), sobre o sucateamento dos órgãos de fiscalização:

- “O escritório do IBAMA de Alta Floresta é responsável pela fiscalização de crimes ambientais em 13 municípios de MT, que somam 92 mil km<sup>2</sup>. ‘É uma área superior ao território dos Estados RJ e ES juntos. Teríamos que ter ao menos 50 servidores para dar retorno a essas medidas

de emergência, mas temos só três. E, atualmente, os 4 carros estão quebrados.’”.

- “Recentemente um carro do IBAMA teve problemas mecânicos durante uma operação. O local era isolado. Para buscar ajuda, a equipe teve de seguir de carona com caminhões de madeiras ilegais.”.

Dessa forma prova-se que os grandes fazendeiros e madeiras não temem multas e embargos aplicados pelo governo, pois a estrutura do IBAMA é precária.

servação. Estas medidas tiveram certo sucesso. Mas ainda são insuficientes para impedir a destruição da biodiversidade e sociodiversidade da Amazônia. O debate de fundo que precisa ser feito é a eliminação da propriedade privada dos meios de produção e o controle da floresta pelo povo trabalhador, aí incluídas as comunidades que lá vivem e trabalham.

## Lei de gestão de Florestas Públicas

A finalidade da Lei de Gestão de Florestas Públicas (Lei nº11.284 aprovada em 02/03/06) é, através de leilões (privatizações) de “lotes de concessão florestal”, cujo primeiro critério de seleção das concessionárias é “o maior preço ofertado como pagamento” (ou seja, trata-se de um esquema voltado aos grandes empresários), promover o “incremento da agregação de valor aos produtos e serviços da floresta”; definindo como princípios o “respeito ao direito da população, em especial das comunidades locais” hierarquicamente depois do “estabelecimento de atividades que promovam o uso eficiente e racional das florestas e que contribuam para o cumprimento das metas do desenvolvimento sus-

Discutir sobre a Amazônia hoje nos remeterá, mais do que nunca, a ligar a campanha pela soberania nacional a luta pelo socialismo, ou seja, por uma planificação democrática da economia. Essa é contribuição que a Esquerda Marxista traz ao conjunto do movimento operário e democrático. Por uma campanha: “A Amazônia é Nossa!”

tentável”. Um projeto reacionário em toda linha, pois para os senhores do capital, a maior lucratividade dos seus investimentos é o critério para medir a “sustentabilidade” e a “racionalidade” de qualquer negócio. Com essa Lei, Lula tenta atrair para Amazônia os grupos capitalistas para expandir seus negócios de modo a produzir, reproduzir e acumular capitais.

**Livros recomendados para quem deseja se aprofundar no debate:**

GONSALVES, Carlos Walter P. “Amazônia Amazônicas”. São Paulo, Contexto, 2001.

PICOLIO, Fiorelo. “O Capital e a Devastação da Amazônia”. São Paulo, Expressão Popular, 2006

## SINDICALISMO

# CUT classista, de luta e independente do estado, dos governos e dos patrões!

*Nos dias 13, 14 e 15 de junho foi realizado em Recife, o VI COSINPRO – Congresso do Sindicato dos Professores no Estado de Pernambuco. O SINPRO-PE foi fundado em 1945, e em 1979 com uma direção combativa organizou a histórica greve dos professores da rede privada que enfrentou o patronato. Seguindo em sua trajetória de lutas, participou do 1º e do 2º CONCLAT, respectivamente em 1981 e 1982, que deu origem à fundação da CUT.*

**ROQUE FERREIRA**

## Combater a burocratização e a divisão

Na tese do Coletivo Esquerda Sindical para além das questões concernentes à política educacional e às reivindicações dos trabalhadores em educação da rede pública e municipal, estavam colocadas as questões de fundo de organização da classe trabalhadora e do movimento sindical. Durante todo o congresso, os debates centrais se deram em torno do papel que os sindicatos devem cumprir numa sociedade de classes, em particular no atual momento da situação brasileira com o governo Lula, que cooptou boa parte das direções das organizações sindicais que passaram a desenvolver a política de colaboração de classes.

Isso se materializou na política da CUT de colocar em segundo plano a intervenção direta na luta de classes mobilizando e organizando a classe para combater em defesa de suas legítimas reivindicações, para praticar o sindicalismo cidadão o que levou a central e seus dirigentes a se integrarem em todos os tipos de conselhos participativos e organismos tripartites. Esta

política é o que se convencionou chamar de “nova governança”, que abre caminho para os consensos com os patrões, o que levou a direção da CUT à burocratização. A direção majoritária da CUT impunha a política de capitulação usando a força de sua maioria atropelando as posições minoritárias.

Nos debates ficou claro, que esta política da direção majoritária contribuiu em muito para o processo de enfraquecimento da central, da qual se aproveitaram setores minoritários que praticavam a política de bloco para iniciar o processo de divisão da CUT, e conseqüentemente da classe.

Mais recentemente, a CSC/PCdoB rompe com a CUT e cria a CTB. A CSC, desde que entrou na CUT em 1991, integrou a direção majoritária e afiançou todas as políticas que levaram à burocratização da central. No congresso do SINPRO a política oportunista da CSC foi desmascarada. Falam em “autonomia e liberdade sindical”, mas se agarram com unhas e dentes na unicidade imposta pelo estado e que tem como base de sustentação o famigerado imposto sindical. Neste ponto estão de pleno acordo



Marcha da CUT contra a emenda 3

com a direção majoritária da CUT, que diz defender a convenção 87 da OIT, e considerar uma vitória a aprovação do PL-1990 que reconheceu as centrais só para participar nos foros tripartites (Trabalhadores-Patrões-Governo) controlados pelo Ministério do Trabalho, e para terem acesso a milhões de reais que serão injetados nas cúpulas das centrais com a nova modalidade de imposto compulsório chamado de contribuição negocial.

Ao fazer a defesa CUT no congresso, o Coletivo Esquerda Sindical expôs com clareza que mesmo sob estas condições a CUT como entidade sindical que nasceu independente e classista não perdeu o seu caráter, e pode ser como está sendo reapropriada pelos trabalhadores para a sua luta, como ficou demonstrado nas jornadas de lutas de Março e Abril de 2007, que reuniu mais de 20 mil trabalhadores que foram exigir de Lula o atendimento de suas reivindicações contra a agenda dos patrões.

Ficou claro para a maioria esmagadora dos delegados que a CUT não pode se confundir com esta tralha sindical (seja ela de esquerda, centro ou direita). A classe trabalhadora precisa de sindicatos e de uma central cuja

direção esteja enraizada na base, organizando as lutas concretas, e não de cúpulas burocráticas, fortes e pelegas. Sob esta base política a maioria (101 delegados) aprovou todas as resoluções contidas na tese do Coletivo Esquerda Sindical, que apontou os caminhos que devem trilhar as direções sindicais e da nossa central.

## Métodos Estranhos à Democracia Operária

O congresso foi realizado em clima de tensão, marcado por métodos fascistas impostos por forças políticas CTB/CSC, INTERSINDICAL/PSOL e burocratas que se reivindicavam independentes que integram a direção do sindicato, e que a todo custo queriam impedir os delegados de discutirem a situação política, as práticas e concepções sindicais, o fortalecimento e a independência da CUT. Boicotaram durante todo o tempo a realização do Congresso. Boicotaram a abertura, boicotaram as discussões em grupo, e pasmem: no Domingo não queriam permitir a instalação da plenária, porque sabiam que a maioria dos delegados reafirmariam a necessidade do SINPRO de se manter filiado à CUT, combateriam a burocratização e a degeneração das políticas que atrelam os sindicatos ao estado via im-

posto sindical ou contribuição negocial.

A CSC/CTB era a mais violenta e seus militantes tentaram à força impedir a mesa da plenária de instalar os trabalhos. Os delegados do Congresso rechaçaram os métodos autoritários e garantiram a realização da plenária, o que levou a CSC/CTB e os militantes do PSOL a abandonarem o congresso. Dos 167 delegados e delegadas de todo Estado de Pernambuco presentes, 101 permaneceram no plenário e concluíram o Congresso, onde votaram e aprovaram resoluções que ajudam a armar o SINPRO e a CUT para que possam cumprir seu papel no atual estágio da luta de classes, e também como armar a categoria e a militância cutista para resistirem aos ataques dos patrões, do capital e do governo, aprovando um plano de ação e de lutas, que cria as condições para o fortalecimento da luta dos sindicatos e da central, que passa por reafirmar o seu caráter classista, de luta e de independência.

O combate travado no Congresso do SINPRO é o mesmo que os delegados e delegadas à Plenária Nacional da CUT estão chamados a travar independentemente de suas sensibilidades políticas. A defesa da CUT classista, de luta e independente do estado e dos patrões, passa desde já pela construção de uma nova direção para a central, sobre a base de um programa de independência de classe. É para este combate que os militantes sindicais da Esquerda Marxista convocam todos os militantes operários e lutadores que atuam no movimento sindical.

# Em Caieiras: Nossa força, Nossa vez!

*“As melhores qualidades da natureza humana derivam de sua intransigência revolucionária posta a serviço dos oprimidos.” Leon Trotsky*

Caieiras é uma pequena cidade a 25 km de São Paulo, cuja população é de cerca de 100 mil habitantes. Sua emancipação se deu em 1961. É, portanto, uma cidade com pouca história política. Nem por isso, os conflitos sociais, ou seja, a luta de classes, deixa de existir no município. A falta e a precariedade dos serviços públicos, os baixos salários e as péssimas condições de trabalho, os preços exorbitantes do transporte público, não diferem da maioria das cidades brasileiras, sejam elas grandes ou pequenas. A administração municipal sempre esteve nas mãos dos poderosos, através dos seus partidos burgueses.

Apesar do nosso combate e de nossa resistência, o PT de Caieiras tem, há oito anos, o vice-prefeito em coligação com o PSDB, embora não tenha eleito um único vereador nessas duas gestões. Portanto, faz 12 anos que o Partido não tem candidatura própria a prefeito. Esse desvio estagnou o PT local e a sua ligação no combate pelas reivindicações populares.

Vimos que a coligação com partidos burgueses tem como consequência a descaracterização e degeneração do PT, igualando-o aos velhos partidos da ordem, impedindo a expressão das lutas dos trabalhadores e jovens em força organizada através do PT. Essa situação estava em aberta contradição com as bandeiras históricas do partido e com seu manifesto de fundação.

Os militantes da Esquerda Marxista estiveram na linha de frente, explicando e discutindo com os petistas, desde o ano de 2000, quando essa aliança com as velhas raposas da cidade foram aprovadas. Em 2008 a situação começa a mudar. Depois de uma prévia disputadíssima no interior do Partido, os petistas elegeram o companheiro José Carlos Miranda, da Esquerda Marxista, para concorrer à prefeitura de Caieiras. Nossa prática e nossas propostas têm, a cada dia, atraído a simpatia dos petistas e apoiadores, que hoje são unânimes na defesa da candidatura Miranda a prefeito. A impor-

tância da candidatura própria tem sido destacada pelos militantes em todos os encontros e reuniões de preparação da campanha.

O resultado das prévias e a unidade conquistada no interior do PT são frutos do trabalho militante da Esquerda Marxista, que tem sido a diferença política, coerente com os princípios que nortearam a construção do Partido. O entusiasmo dos militantes petistas demonstra o acerto das nossas posições. A Esquerda Marxista foi, sem sombra de dúvida, o motor da resistência que levou a este desenlace positivo.

O fato do companheiro Miranda, militante da Esquerda Marxista, ter sido um dos principais impulsores de várias lutas na cidade como: transporte; a importante e histórica luta do Movimento Negro Socialista pela igualdade e contra as cotas raciais; a participação decisiva no apoio a greve dos operários da Ellen Metalúrgica (fabrica que chegou a ser ocupada pelos operários em Caieiras) na defesa dos empregos e direitos.

A campanha do PT em Caieiras pela primeira vez na história de nossa organização pode abrir a possibilidade de uma campanha aonde Miranda pode disputar com os candidatos da burguesia que ao que tudo indica serão dois adversários: um do PSDB e outro do DEM, os principais partidos da burguesia.

Como Miranda disse na plenária dos militantes da Esquerda Marxista realizada no dia da Convenção:

- “Essa importante vitória da base do partido e daqueles que se mantêm fiéis à sua classe e à luta pelo Socialismo só foi possível pela



Chapa de pré-candidatos na convenção de 18/06 (PT e PC do B)

política aplicada de combate contra a coligação do PT com os partidos burgueses e pela existência da Esquerda Marxista que através de seus militantes e de nossas limitadas forças conseguiu animar militantes de todas as correntes e, principalmente, da base do partido.”

O trabalho realizado abre a via para a possibilidade de ser uma base sólida para o reagrupamento dos petistas que discordam e resistem aos rumos tomados pela direção do partido que abandonou a luta pelo socialismo.

Por isso os militantes da Esquerda Marxistas, estarão jogando todos seus esforços na eleição no município de Caieiras, para eleger Miranda prefeito. Nossa atenção e nosso esforço devem estar voltados para esta tarefa nestas eleições, onde devemos jogar um peso significativo da nossa intervenção militante, aproveitando o “palanque eleitoral”, não só para pedir votos e eleger nossos candidatos, mas também para fazer crescer a força da mudança, da revolução junto com os companheiros que ajudaram a vitória deste combate.

A construção de uma alternativa revolucionária passa decisivamente pela intervenção dos marxistas

nas organizações de massa da classe operaria, no PT e na CUT. A vitória nas prévias e a unidade do PT em torno da candidatura do companheiro Miranda, é um primeiro ensaio das futuras batalhas que enfrentaremos.

Toda força na campanha em Caieiras e na construção da Esquerda Marxista.

Veja as principais atividades do próximo período:

6 de Julho: Panfletagem na feira em laranjeiras

7 de Julho: Panfletagem e mutirão o dia inteiro no centro de Caieiras

11 de Julho: Plenária de apoiadores no sindicato dos Trabalhadores de papel e papelão às 19h

9 de Agosto: Festa de Lançamento no SERC, no centro de Caieiras a partir das 19h



Terreno irregular característico forma os morros de Caieiras



## COMEMORAÇÃO

# Flaskô: Fábrica Ocupada por mais cinco, dez, mil anos!

RAFAEL PRATA

Diversas atividades estão marcando os cinco anos de controle operário na Flaskô e a luta pela estatização e o socialismo travada pelo Movimento das Fábricas Ocupadas.

No dia 13 de Junho, em uma assembléia emocionante, os trabalhadores da Flaskô discutiram a difícil situação financeira da empresa que mal está conseguindo girar a produção para pagar os salários, devido à falta de crédito para comprar matéria-prima e ao enorme endividamento deixado pelos patrões como herança maldita.

Mesmo assim, todos ressaltaram que a ocupação e a luta política são, e continuam sendo, a única saída para manter os empregos e que, apesar dos problemas, conquistas foram obtidas. A democracia e a gestão operária, a jornada de 30 horas semanais, sem redução dos salários, a construção da Vila Operária e Popular e a recente parceria com a Associação de Moradores do Parque Bandeirantes (AMPB) são exemplos dessas conquistas.

## Excelente encontro na Flaskô

Vitórias que merecem ser defendidas por mais cinco, dez, mil anos, não só pelos trabalhadores da fábrica, mas por todos os movimentos sociais e de esquerda, se quisermos alcançar

novas vitórias no futuro.

Com esse intuito, foi celebrado um Encontro no dia 21 de Junho, na Flaskô, que também definiu os próximos passos da luta. Cerca de 150 pessoas participaram, entre elas, representantes do MST (sem terra), MTST (sem teto), MTD (desempregados), do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e região, Juventude Revolução, Movimento Negro Socialista, grupo de Rap "A Família", Sindicato dos Vidreiros de SP, Sindicato dos Pesquisadores de Campinas e região (SindPq), Centro Acadêmico de Ciências Humanas (CACAH – UNICAMP), ex-trabalhadores da Cipla e Flakepet, além da Vereadora Marcela Moreira (PSOL – Campinas) e Ari Fernandes, que falou em nome do Senador Eduardo Suplicy (PT).

Também estava presente a companheira Julieta, da Argentina, que acompanha a luta da IMPA (metalúrgica de Buenos Aires ocupada desde 1998), além dos sindicalistas africanos Joe Machira, do Quênia e John, da Tanzânia.

Em sua intervenção, Serge Goulart, da coordenação do Movimento das Fábricas Ocupadas, mostrou o exemplar de um livro escrito em turco, que relata a experiência das fábricas ocupadas do Brasil, trazido pelo companheiro Pedro Santinho da Flaskô, que recentemente viajou para lá, a convite de sindicatos operários da Tur-

quia. Isso é mais um sinal da audiência que nossa luta adquire entre os trabalhadores de todas as nacionalidades!

Também foi realizado o sorteio de um jogo de talheres doado pelos trabalhadores da argentina IMPA ao Encontro e o felizado foi o Sr. Ivan, responsável do setor de limpeza da Flaskô! Vale destacar que o Encontro começou com um farto café da manhã e se encerrou com um delicioso almoço, preparados pela AMPB.

## Próximos passos

Dois encaminhamentos principais saíram do Encontro. O primeiro é a realização de um ato público em frente ao Fórum de Sumaré, no dia 24 de junho, pois mais um leilão de máquina está marcado para acontecer nesse dia. As faixas:



Mesa do encontro de cinco anos de controle operário

“Queremos trabalhar em paz, parem os leilões!” e “Se leiloar não vai levar” já estão prontas para serem erguidas novamente!

Outro encaminhamento se refere à preparação do Tribunal Popular para Julgar a Intervenção na Cipla e Interfibra.

Nas próximas semanas, encerraremos as inscrições de quem deseja participar do evento, que ocorre nos dias 04 e 05 de Julho em Joinville/SC, e teremos também que garantir as contribuições financeiras necessárias para cobrir as despesas de viagem, alimentação e alojamento de nossa delegação.

## Festa: Grande vitória na Argentina

Câmara de Buenos Aires vota dia 26 de junho a expropriação de IMPA (Industrias Metalúrgicas y Plásticas Argentina). A comemoração será em Joinville, SC.

Fábrica símbolo da luta dos trabalhadores argentinos para manter seus postos de trabalho, a IMPA, sob controle dos trabalhadores desde 1998, foi outra vez atacada em Abril deste ano por um forte destacamento policial. A polícia tomou as instalações da fábrica e expulsou os trabalhadores. A ordem partiu de um juiz muito cioso para cobrar uma antiga dívida. O objetivo real era, como sempre, fechar a fábrica, esquarterá-la em leilões e liquidar o movimento das fábricas recuperadas.

IMPA é um símbolo de resistência na Argentina e na América Latina e os trabalhadores resistiram buscando a solidariedade de classe. Imediatamente trabalhadores e jovens de diversos movimentos se solidarizaram e

cercaram a IMPA invadida. Mas o essencial foi a busca de envolver as organizações da classe e a atitude firme e corajosa que adotou a CTA (Central de Trabalhadores da Argentina). Além da presença física, os dirigentes e militantes da CTA convocaram uma coletiva de imprensa e se dirigiram a toda a sociedade repudiando a invasão pela polícia e exigindo a restituição da fábrica aos trabalhadores. A mobilização se ampliou e a pressão sobre o judiciário, sobre os parlamentares e sobre o governo resultou numa paralisação geral das forças repressivas e do estado. O Juiz se negou a retirar a ordem, mas concordou em retirar a polícia do local. Então os trabalhadores imediatamente ocuparam outra vez a empresa e retomaram a produção.

Semanas depois, em 25 de Maio, quando comemoraram com debates e atividades os 10 anos de ocupação de IMPA, uma grande festa marcava mais uma vitória da luta

de classes. Mas as ameaças continuavam e assim aproveitando a mobilização e a unidade conquistada os companheiros da IMPA propuseram que a Câmara de Vereadores de Buenos Aires expropriasse a fábrica e conquistaram o apoio de 33 dos 60 vereadores. A maioria dos que não assinaram o projeto já declararam que vão se abster na sessão de 26 de junho garantindo assim a aprovação da expropriação. Esta é uma grande vitória dos trabalhadores.

Um ônibus de trabalhadores da IMPA e das fábricas recuperadas da Argentina estará no dia 4 de Julho em Joinville-SC, onde após a abertura do “Tribunal Popular para Julgar a Intervenção na Cipla e Interfibra”, trabalhadores de todo o Brasil, da Venezuela, da Bolívia, do Paraguai, Uruguai e outros países, vão comemorar a expropriação da fábrica numa grande confraternização.



Assembléia de trabalhadores da Flaskô (13/06/2008)

CONTRA A INTERVENÇÃO

# Preparando o Tribunal Popular

**Nova data: 4 e 5 de Julho**

*A data foi modificada por conta do calendário do movimento operário, principalmente as Plenárias Estaduais da CUT que coincidem com a data anterior.*

Dezenas de delegados de sindicatos do nordeste já anunciaram sua participação no Tribunal Popular para Julgar a Intervenção na Cipla e Interfibra. São companheiros de Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, Bahia e outros estados que se preparam para uma longa jornada até Joinville-SC. Estes companheiros estão organizando um ônibus para juntar forças a outras centenas de delegados com objetivo de fazer um balanço de um ano da intervenção do governo federal nas fábricas ocupadas e organizar a continuidade desta luta.

Trata-se da continuidade da luta pelo emprego, pelos direitos, pela reforma agrária e em defesa do parque fabril na atual situação política e econômica do país. Trata-se da luta contra a intervenção, mas também contra todos os ataques e a criminalização dos movimentos sociais.

Satisfeitíssimos com a política econômica e social do governo Lula, a burguesia se

sente encorajada para exigir mais e mais concessões. Encorajada pela covardia e pelo apoio que recebe do governo Lula e sua coalizão, a burguesia tem se lançado violentamente contra todos os movimentos e suas reivindicações. Além de retirar direitos, um atrás do outro, estão dedicados a tratar como caso de polícia qualquer movimento social. Utilizam a falsa fachada da “justiça” para processar e condenar os militantes que lutam. Tentam quebrar e destruir pela via da criminalização os militantes e as organizações dos trabalhadores. E não recuam diante de nada.

Agora é José Batista Afonso, da coordenação nacional da CPT, que foi condenado a dois anos e meio de prisão pela Justiça de Marabá (PA). Seu crime foi ter participado de uma ocupação do Incra, em 1999, junto com 10 mil trabalhadores. Junto com ele mais duas lideranças também foram condenadas.

O Ministério Público do Rio Grande do Sul pede a deso-

cupação de dois acampamentos do MST por que os acampamentos Jandir e Serraria são “verdadeiras bases operacionais destinadas à prática de crimes e ilícitos civis causadores de enormes prejuízos não apenas aos proprietários da Fazenda Coqueiros, mas a toda sociedade”. E o Juiz deferiu o pedido e mandou desocupar os dois acampamentos LEGAIS do MST.

Em Santa Catarina, o vereador de Joinville, Adilson Mariano, do PT, militante da Esquerda Marxista, é condenado por “incitar a população” na luta contra o aumento das passagens de ônibus.

Os dirigentes do Movimento das Fábricas Ocupadas, Serge Goulart, Carlos Castro, Francisco Lessa, Pedro Santinho, Evandro Pinto e outros, sofrem dezenas de processos provocados pelas ações do governo para tentar acabar com o movimento.

Sindicalistas são perseguidos, demitidos e processados por cumprirem seu mandato e organizar greves e manifestações, como Charles Pires, do SINTRASEM, de Florianópolis, ameaçado de morte pelo comandante da PM por liderar manifestações com milhares de trabalhadores.



Movimento das Fábricas Ocupadas e MST juntos em Brasília

## Um escândalo exemplar

Na primeira página da ação em que pedem a destruição dos acampamentos do MST, os promotores comunicam que seu trabalho é resultado de uma decisão do Conselho Superior do Ministério Público do RS (!) para investigar as ações do MST que “há muito tempo preocupam e chamam a atenção da sociedade gaúcha”. O documento anuncia que os promotores Luciano de Faria Brasil e Fábio Roque Sbardelotto realizaram um “notável trabalho de inteligência” sobre o tema. Uma nota de rodapé define o trabalho de “inteligência” realizado nos seguintes termos:

“O art. 1º, § 2º, da Lei nº 9.883/99, que instituiu o Sistema Brasileiro de Inteligência e criou a ABIN, definiu a inteligência como sendo “a atividade que objetiva a obtenção, análise e disseminação de conhecimentos dentro e fora do território nacional sobre fatos e situações de imediata ou potencial influência sobre o processo decisório e a ação governamental e sobre a salvaguarda e a segurança da sociedade e do Estado”.

O relatório que segue

faz jus a esse conceito, apresentando o MST como uma ameaça à sociedade e à própria segurança nacional.

O resultado do trabalho de inteligência inspirado nos métodos da ABIN é composto, na sua maioria, por inúmeras matérias de jornais, relatórios do serviço secreto da Brigada Militar e materiais, incluindo livros e cartilhas, apreendidas em acampamentos do MST. Textos de autores como Florestan Fernandes, Paulo Freire, Chico Mendes, José Martí e Che Guevara são apresentados como exemplos perigosos da “estratégia confrontacional” adotada pelo MST. Na mesma categoria, são incluídas expressões como “construção de uma nova sociedade”, “poder popular” e “sufocando com força nossos opressores”. Também é “denunciada” a presença de um livro do pedagogo soviético Anton Makarenko no material encontrado nos acampamentos.

É preciso uma reação organizada da classe trabalhadora contra isso tudo. E começa pela responsabilidade central do governo nesta questão.



## BOLÍVIA

# Colocar a Agenda de Outubro novamente em pauta na Bolívia

O chicote da direita pode provocar uma reação igual e contrária pela esquerda na Bolívia! A tentativa de dividir o país com o Referendo de Autonomia para o departamento de Santa Cruz de La Sierra, pode despertar a massa boliviana para a luta novamente e acabar com a política conciliatória de Evo Morales.

Já houve sinais disso, com os choques e mobilizações populares ocorridas contra a oligarquia separatista e com as recentes nacionalizações feitas pelo governo. Aliás, para barrar essa onda de referendos autonomistas, a COB (Central Operária da Bolívia) chegou a convocar uma greve geral no país para o dia 16/6, mas adiou a deflagração para o dia 30/6, porque Evo Morales pediu um tempo para avaliar uma das 30 reivindicações levantadas pelos

trabalhadores: a que diz respeito às aposentadorias e pensões. A COB quer a aprovação de uma lei que instale um sistema público e universal de seguridade social.

O adiamento da greve, no entanto, não foi aceito por unanimidade na reunião ampliada da central e algumas categorias e seções departamentais da COB já promovem paralisações e manifestações de rua, pelo atendimento integral das reivindicações.

## Novas nacionalizações não podem ficar no meio do caminho

Recentemente, o governo encerrou negociações que fazia com grupos capitalistas e tratou de re-estatizar a Entel (telefonia) e de nacionalizar todo o setor de transporte de gás e petróleo das mãos da Transredes (ligada à americana Enron e à

anglo-holandesa Shell).

Evo Morales queria que essas empresas transferissem a maioria das ações para o Estado, mas foi obrigado a realizar uma compra forçada. Apesar de ser um avanço, a Agenda de Outubro - uma lista de reivindicações transitórias levantadas pela COB, sindicatos e organizações populares desde 2003 - exige a nacionalização sem indenização, dos recursos naturais e das empresas privatizadas. Afinal, não é justo pagar milhões a esses grupos, com dinheiro público, depois de anos de saques e desabastecimento interno.

Nada garante também que a simples compra de ações seja suficiente para transferir os benefícios desses setores para o Estado e muito menos para o povo. Aliás, é o que tem acontecido com o petróleo, gás e minérios. Apesar de um aumento na arrecadação federal devido à



Conflitos durante o referendo da autonomia

nacionalização, o poder econômico continua concentrado nas mãos de 100 famílias, enquanto a maioria do povo sofre com o aumento do preço dos alimentos.

Como afirma a assembléia geral dos trabalhadores mineiros de Huanuni: “o Governo já não pode iludir irresponsavelmente esse caminho. Basta de negociar com os conspiradores e

sabotadores do verdadeiro processo de mudança. A mudança não deve ser frase oca e sim mudança estrutural para recuperar nossos recursos naturais e explorá-los através do Estado, sob controle social. Nacionalizar e industrializar nossas riquezas devem ser o objetivo imediato. A experiência demonstra que somente o povo, através do Estado, pode fazê-lo”.

## MÉXICO

# Uma consulta popular em defesa da PEMEX

FABIANO STOIEV

A luta contra a privatização da PEMEX - estatal petroleira do México - entrou em uma nova fase. Depois de gigantescas manifestações populares e da ocupação dos plenários da Câmara dos Deputados e do Senado, que conseguiram barrar a votação em regime de urgência da Reforma Energética, o Movimento Nacional de Defesa do Petróleo está organizando uma Consulta Popular sobre a Indústria Petroleira em todo o país. Nos quinhentos municípios governados pela Frente Ampla Progressista (FAP) - que reúne os principais partidos de oposição - a Consulta vai se realizar em 27 de julho. Nas outras localidades, a consulta



Trabalhadores se reúnem no Zócalo

será organizada entre os dias 03 e 10 de agosto.

O objetivo da Consulta é mobilizar a população contra o projeto de reforma energética, proposto pelo governo de Felipe Calderón, fiel representante do imperialismo e da burguesia mexicana, e que conta com o

apoio da grande mídia e dos setores reacionários da Igreja Católica. Para vencê-los, o Movimento em Defesa do Petróleo conta com a força de seus militantes. André Manuel Lopes Obrador (AMLO), principal liderança da FAP, tem estimulado os 200 mil partidários do

movimento a visitarem 10 milhões de lares mexicanos até o final da campanha, sob o lema de que “a Pátria não se vende, se defende”.

Um grande destaque desse movimento é a massiva participação das mulheres trabalhadoras, que receberam o apelido de ‘Las Adelitas’. Adelita foi uma personagem lendária da Revolução Mexicana de 1910. Desde então, o termo é usado para identificar mulheres comprometidas com alguma causa revolucionária. Foram as brigadas femininas em defesa da PEMEX que estiveram à frente da ocupação de refinarias no último período. Com atitudes como essa as trabalhadoras mexicanas honram sua história.

Mas a Consulta não garante de forma alguma o fim do

projeto de privatização da PEMEX. É no máximo mais um elemento de agitação popular. Só a força da classe trabalhadora, organizando uma greve geral pode barrar a privatização. E há sinais nesse sentido. As crises políticas e sociais causadas pelo capitalismo começam a provocar fissuras na burocracia sindical do país. O Sindicato dos Petroleiros (STPRM) e o Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SNTE) firmaram recentemente uma aliança em defesa dos trabalhadores. E mais: o Sindicato dos Petroleiros se posicionou contrário à reforma energética e ameaçou greve a partir de 1º de Agosto, se a PEMEX não atender às reivindicações trabalhistas. A situação revolucionária no México continua a avançar.

TIREM AS MÃOS DA VENEZUELA

# Vitoriosa Conferência Internacional

No dia 31 de Maio, mais de 200 ativistas de oito estados brasileiros (Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo), além de convidados internacionais da Argentina, Bolívia, Paraguai, Venezuela, Angola, Tanzânia, Quênia e Estados Unidos lotaram o Auditório Franco Montoro, da Assembléia Legislativa de SP (ALESP), na Conferência "Tirem as Mãos da Venezuela" que articula a solidariedade à revolução venezuelana.

Companheiros da Venezuela, Bolívia, Paraguai e Argentina ajudaram a explicar a real situação da luta de classes na América do Sul e a importância do processo revolucionário em curso na Venezuela para os trabalhadores e povos da região, que sofrem com a exploração imperialista.

A luta de classes na Venezuela, os avanços, perigos e contradições da revolução foram avaliadas por Elio Colmenares, ex-ministro da Indústria Ligeira e Comércio, por Ruben Linares, presidente da Federação Nacional dos trabalhadores no transporte de combustíveis e da coordenação da central UNT (União Nacional dos Trabalhadores) e por Néelson Altuve, representando o Conselho de Fábrica da Inveval - fábrica sob controle operário estatizada pelo governo Chávez em 2005 - e a FRETECO (Frente Revolucionária de Trabalhadores de Empresas em Co-gestão e Ocupadas).

Já o companheiro Andrés Mamani, falou em nome da FSTMB (Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia) e trouxe a saudação da COB (Central Operária Boliviana) enviada pelo companheiro Pedro Montes, Secretário Executivo. Explicou ainda que os capitalistas e oligarcas da Bolívia tentam dividir a nação (pretensa autonomia dos departamentos) como forma de derrotar o processo revolucionário.

Andrés também explicou os mineiros criticam Evo Morales por não se apoiar nos mineiros e na classe trabalhadora organizada para garantir e avançar a mudança social, mas que acaba lançando camponeses contra o movimento operário e que isto debilita o processo revolucionário e tem permitido os avanços da direita.

Do Paraguai o companheiro Bernardo Rojas, presidente da CUT-Autêntica (a maior central sindical do país), destacou a importância da vitória eleitoral de Fernando Lugo à presidência, como fruto da insatisfação popular com os 61 anos de Partido Colorado no poder e expressão da situação revolucionária da América Latina que chegou ao Paraguai. Também chamou à atenção para a necessidade de renegociar o injusto tratado da Hidrelétrica de Itaipu.

Já a companheira Júlia, da IMPA (metalúrgica argentina

sob controle operário desde 1998), falou sobre a importância do movimento das fábricas recuperadas e da recente e vitoriosa luta que travaram para retomar a fábrica, após um despejo judicial violento.

O companheiro Serge Goulart, Coordenador do Movimento das Fábricas Ocupadas, ressaltou que neste dia (31 de maio) fazia um ano que o governo Lula havia pedido e comandado a invasão policial militar das Cipla e Interfibra, fábricas controladas pelos trabalhadores. Sob a falsa alegação de cobrar uma dívida dos antigos patrões Lula e Luis Marinho mancharam para sempre suas mãos e sua história mandando a polícia armada até os dentes contra trabalhadores.

Ressaltou Serge Goulart que, entretanto, a coalizão de Lula com os capitalistas fracassou em tentar liquidar a luta extraordinária destes trabalhadores pela estatização das fábricas. Eles tomaram militarmente as fábricas expulsando os trabalhadores, mas ao invés de matar o movimento eles o tornaram imortal, transformando-o numa bandeira vermelha que eles não poderão nunca apagar da história.

A Conferência recebeu a participação e integração na campanha do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da Casa das Américas além de outras orga-

nizações, núcleos do PT, e associações ligadas à luta de solidariedade revolucionária internacional.

Na hora do almoço, jovens organizados na JR (Juventude Revolução) se reuniram no plenário para encaminhar a organização de um acampamento nacional de jovens pela revolução em Julho

que, dentre outras questões, tratará da Revolução na América Latina e da agressão/invasão do imperialismo na Amazônia.

Um momento importante foi a discussão sobre o financiamento da própria conferência. A partir de um apelo dos organizadores os presentes contribuíram com diversos valores. O total arrecadado terminou de cobrir todas as despesas da Conferência. Foi uma verdadeira demonstração de independência financeira, base da independência política dos socialistas revolucionários.

## Encaminhamentos da campanha TMV

Durante a tarde, uma mesa representando as delegações e organizações nacionais presentes levantou propostas para a continuidade da campanha "Tirem as Mãos da Venezuela". A palavra também foi aberta ao plenário, o que resultou num rico debate. Destaque para as intervenções de Megan Hise, ativista dos EUA que se colocou contra o imperialismo e a guerra no Iraque e para a camarada Verônica, da Argentina, que falou em nome da Corrente Marxista "El Militante", seção da CMI (Corrente Marxista Internacional).

Entre as propostas está a



Conferência lota auditório da ALESP

formação de uma delegação brasileira para ir à Venezuela no período das eleições para prefeito e governador no país e reunir-se com Chávez convidando-o a vir ao Brasil na Conferência "Tirem as mãos da Venezuela" de 2009. Esta delegação levará seu apoio às candidaturas do PSUV que enfrentarão mais uma pesada campanha dos reacionários venezuelanos dirigidos pelo governo dos Estados Unidos.

Outra proposta é de que todos os presentes se dirigissem ao Governo Lula para que ele reveja o acordo de Itaipu de forma que pare de lesar a soberania do povo paraguaio irmão.

Para ampliar a campanha decidiu-se, ainda, a realização de conferências estaduais e locais no segundo semestre de 2008 em todo o país.

Uma homenagem foi prestada pela Conferência com intermináveis aplausos saudando a companheira Lili que, com seus 84 anos, participou de toda a Conferência trazendo a todos sua longa tradição de militante comunista e petista de muitas décadas.

Encerrada com muitas palavras de ordem todos os presentes eram unânimes em ressaltar o êxito e o extraordinário clima militante e combativo da Conferência.



Mesa com convidados internacionais

# O Imperialismo: fase superior do Capitalismo

O Imperialismo é a fase superior do Capitalismo, a unificação do capital industrial e bancário formando o capital financeiro; é o fim do período “áureo” de livre concorrência. Os monopólios passam a controlar quase a totalidade da produção industrial e em ainda maior proporção os recursos bancários. Com a constituição dos monopólios o capitalismo deixa definitivamente de jogar um papel progressista, não desenvolve mais as forças produtivas como o fazia no passado. A livre concorrência, que constantemente impelia a indústria a revolucionar a técnica ampliando a produção e reduzindo os preços das mercadorias está profundamente debilitada.

Já em *O Capital*, Marx caracteriza o processo de concentração e centralização do capital, antecipa a análise de processos que eram incipientes no momento em que escreve, mas que se tornam claros no final do século XIX. Em seu momento, foi Lênin quem melhor entendeu as consequências políticas do Imperialismo; começa seu livro caracterizando os monopólios e a concentração da produção.

Ilustra a concentração da produção com dados importantes do início do século XX. Quase metade da produção dos EUA estava nas mãos de

1% das empresas, 3.000 empresas abarcavam 258 ramos industriais, o reduzido número de empresas torna fácil o acordo entre elas. As crises também jogam um papel importante no processo; as empresas pequenas são as que mais sofrem suas consequências e fatalmente deixam o mercado; os grandes conglomerados superam as crises, fortalecendo-se no próximo período. A concorrência se transforma em monopólio. Resulta daí um gigantesco processo de socialização da produção e dos inventos e aperfeiçoamentos técnicos. Mas a apropriação continua sendo privada.

Este domínio da produção dá aos cartéis a capacidade de calcular até mesmo as necessidades do mercado e assim dividi-lo em contratos entre as grandes empresas. Mas Lênin observa: “A supressão das crises pelos cartéis é uma fábula dos economistas burgueses, que se empenham em embelezar o capitalismo. Pelo contrário, os monopólios criados em diferentes ramos da indústria aumenta e agrava o caos próprio de todo o sistema da produção capitalista em seu conjunto. Acentua-se ainda mais a desproporção entre o desenvolvimento da agricultura e da indústria”.

A análise isolada dos monopólios industriais é incompleta, por isso Lênin analisa o papel dos bancos. A principal função dos bancos é a intermediação financeira, transformam capital inativo em ativo, capital que gera lucro. Reúnem os depósitos e os põe a disposição da classe capitalista. À medida que aumentam as operações bancárias e estas se concentram em poucos bancos, estes poucos bancos se convertem em poderosos monopolistas que detêm quase todo o capital monetário. Processo fundamental da transformação do

capitalismo em Imperialismo.

Lênin reúne dados referentes aos depósitos bancários nos bancos alemães, que mostram o crescimento dos grandes bancos em detrimento dos menores. Os pequenos bancos são expulsos do mercado ou absorvidos. A princípio uma intermediação financeira parece ser uma operação puramente técnica, mas quando esta operação ganha proporções gigantescas um pequeno grupo de monopolistas subordina as operações comerciais e industriais de toda a sociedade capitalista, torna-se capaz de conhecer a situação financeira de cada capitalista; ampliam ou restringem o crédito de acordo com seus interesses.

Paralelamente à concentração do capital bancário ocorre a unificação dos bancos com as maiores empresas industriais e comerciais. O processo se dá através da aquisição de ações ou mediante a entrada de diretores dos bancos nos conselhos das empresas e vice-versa. Este fenômeno se completa com uma ainda maior subordinação da máquina estatal aos interesses dos capitalistas. Marca o ponto de inflexão do velho capitalismo ao novo, da dominação do capital em geral à dominação do capital financeiro.

A administração desses recursos se transforma inevitavelmente na dominação da oligarquia financeira que faz o que bem entende para ampliar seu capital e manter sua dominação. Os exemplos do início do século XX que Lênin destaca são muito semelhantes aos malabarismos contábeis realizados pelos grandes monopólios até hoje. Recentemente tivemos os escândalos de falsificação dos balanços da Parmalat, da Enron; ano passado alguns “gênios” do mercado financeiro transformaram dívidas em ativos financeiros mediante a sua simples securitização, as subprimes. As fusões e aquisi-

ções são cada vez mais planejadas, seguidas de demissões em massas. Sem citar os roubos com o auxílio do Estado.

No início do século XX os quatro mais poderosos países do mundo concentravam a emissão de aproximadamente 80% do capital financeiro mundial. O restante do mundo exercia funções de devedor e tributário desses quatro países. Lênin analisa o papel da exportação de capital na criação da rede internacional de dependências e de relações do capital financeiro: “O que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadorias. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital”.

Os poucos países que primeiro se industrializaram acumularam um excedente de capital em detrimento do atraso da agricultura e de melhores condições de vida de sua própria população. Esses capitais passam a ser empregados nos países atrasados onde em geral geram lucros mais elevados. Esses empréstimos que por si só já seriam bastante lucrativos para os credores são somados à imposição de certas concessões para a concretização do empréstimo. Uma vez que o capitalismo se torna monopolista, o investimento torna-se quase sem riscos para os grandes conglomerados.

A princípio os monopólios partilham entre si o mercado interno, porém sob o capitalismo o mercado interno está entrelaçado com o externo; o mercado mundial impele à formação dos cartéis internacionais. Essas partilhas geraram a ilusão em alguns reformistas, como Kautsky, de que esse processo tinha algum grau de planificação; Lênin combateu essa idéia: “Esta opinião é, do ponto de vista teórico, completamente absurda, e, do ponto de vista prático, um sofisma,

um meio de defesa pouco honesto do oportunismo da pior espécie. Os cartéis internacionais mostram até que ponto cresceram os monopólios, e quais são os objetivos da luta que se desenrola entre os grupos capitalistas. Esta última circunstância é a mais importante, só ela nos esclarece sobre o sentido histórico-econômico dos acontecimentos, pois a forma de luta pode mudar, e muda constantemente, de acordo com diversas causas, relativamente particulares e temporais, enquanto a essência da luta, o seu conteúdo de classe, não pode mudar enquanto subsistirem as classes”.

O controle do fornecimento de matéria-prima é ponto fundamental nesse estágio do capitalismo. Dá-se uma intensificação da política colonial neste período. Ao final do século XIX o mundo já estava completamente partilhado. Mas, o conflito de interesses dos diferentes Imperialismos preparou a 1ª Guerra. Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se torna a insuficiência de matérias-primas, tanto mais encarniçada é a luta pela aquisição de esferas de dominação.

Com o passar do século XX as previsões de Lênin se revelaram absolutamente corretas. Nenhum ultra-imperialismo se formou; vários imperialismos coexistem em uma luta de morte; as contradições foram relativamente apaziguadas com a reconstrução da Europa, mas os grandes trustes internacionais continuam lutando entre si por mercados. Os conflitantes interesses dos diferentes Estados nacionais, também, nunca permitirão a formação de um único trust universal. Ou seja, todas as contradições do capitalismo permanecem vivas até hoje e podem explodir a qualquer momento quando uma profunda crise econômica eclodir.



ENTREVISTA

# Acampamento Nacional pela Revolução

A Esquerda Marxista, que está em processo de fusão com a CMI (Corrente Marxista Internacional), propôs a fusão com a JR (Juventude Revolução) e com o MNS (Movimento Negro Socialista). Tanto com a JR como com o MNS a Esquerda Marxista já leva um combate lado a lado há muito tempo. Num contexto em que organizações de esquerda racham, se dividem, etc., a Esquerda Marxista vem fazendo o contrário. A revolução une os revolucionários e separa os reformistas.

O MNS está avaliando a proposta da EM e deve tomar a decisão num Encontro Nacional em Novembro. Já a JR deverá decidir sobre a fusão com a EM em Julho, no seu 11º Encontro Nacional (Acampamento pela Revolução). Tendo em vista isso, o Jornal Luta de Classes entrevistou Fabio Ramirez, militante da JR, membro da Comissão Nacional e estudante da UFMT.

**JLC – O que é a Juventude Revolução?**

Ramirez: A Juventude Revolução, ou JR, é uma associação de jovens que se organizam por todo o Brasil para lutar pelos direitos da juventude, e ajudar os trabalhadores a enfrentarem a brutalidade do capitalismo, por isso somos jovens revolucionários e queremos construir o Socialismo no Brasil e no mundo.

**JLC – Em qual situação a juventude se encontra?**

Ramirez: Não só a juventude como os trabalhadores e o povo oprimido em geral estão a caminho da barbárie. O capitalismo teve uma época na história que trouxe certos avanços, mas hoje é cada dia mais evidente que esse sistema podre não é capaz de trazer um futuro para nós. Hoje, pegando os mais ricos do mundo, entre eles, os 2% mais poderosos detêm mais da metade de

toda a riqueza do planeta, e a metade da população mundial detêm somente 1% da riqueza do mundo! Esse abismo só aumenta. Mas a juventude é parcela significativa dos oprimidos: para se ter uma idéia, dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) publicados agora em maio demonstram que os jovens desempregados, com idade entre 15 e 29 anos, já correspondem a praticamente metade dos desempregados de todo país, exatos 46%! E dos que conseguem algum emprego, 50% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos trabalham sem carteira assinada, ou seja, sem direito algum! Isso sem contar o alto grau de homicídios que segundo o IPEA já atinge 38% das mortes entre a juventude, o qual é fruto da violência gerada pelas drogas e pela falta de emprego e perspectivas.

**JLC – Como é possível mudar esse quadro?**

Ramirez: Em primeiro lugar é preciso organização! Sem organização não há como enfrentar a burguesia, o imperialismo – que está muito bem organizado. E também a formação política e o estreitamento com a luta de classes. Por isso estamos realizando o Acampamento Nacional Pela Revolução, que se realizará em Ibiúna-SP, nos dias 18, 19 e 20 de Julho.

**JLC – Por que Ibiúna?**

Ramirez: Esse ano está completando 40 anos de um dos episódios que mais marcaram o Movimento Estudantil e a luta pela liberdade no Brasil. Há exatos 40 anos o imperialismo, se utilizando da ditadura militar, pensou que podia acabar com a luta da juventude, e invadiram o Congresso da UNE que se realizava no Sítio Muduru em Ibiúna-SP. Para nós é simbólico, estamos continuando a luta pela liberdade



Militantes da JR de Cuiabá em ato contra restrições ao passe-livre

que só pode ser conquistada de fato com o Socialismo.

**JLC – Como será o Acampamento pela Revolução?**

Ramirez: O acampamento é o 11º ENJR, o Encontro Nacional da juventude Revolução. O objetivo é reunir jovens de várias partes do Brasil. A JR já funciona hoje em 8 estados. Mas queremos ampliar e que jovens de estados onde hoje a JR não tem nada possam participar. Assim, estamos dialogando com jovens de 17 estados e mais convidados internacionais da Bolívia, Paraguai, Venezuela, Argentina, México e Espanha. Sabemos que a nossa luta aqui é a luta dos jovens e dos trabalhadores do mundo inteiro, por isso os convidados internacionais. Mas nossa principal dificuldade são os recursos. Prezamos por nossa independência financeira. Portanto, para bancar o transporte de todos até Ibiúna, estamos realizando arrecadações com “pedágios”, vendas de materiais (camisetas, CDs de músicas, etc.), contribuições de entidades estudantis, sindicatos, etc.

**JLC – Quem quiser contribuir financeiramente deve fazer o que?**

Ramirez: Entrar em contato por e-mail: contato@revolucao.org

**JLC – Qual será a programação do Encontro?**

Ramirez: Serão três dias

de intensas atividades. Discutiremos a conjuntura política no Brasil e no mundo, desde as guerras imperialistas até o sujo governo de coalizão entre Lula e os partidos da burguesia, fato que é um verdadeiro entrave para as lutas no Brasil, e precisa ser combatido! Tiraremos campanhas nacionais como a luta pelo Passe Livre Estudantil, a Retirada das Tropas Brasileiras do Haiti, e a formação de grêmios estudantis como forma de instrumentos de luta. E queremos lançar uma campanha internacional em defesa da Amazônia e contra as atrocidades que vem acontecendo por lá. E é lógico, teremos momentos de integração e confraternização para curtir de montão as férias, afinal, ninguém é de ferro. Roda de violão, belezas naturais, piscina, futebol, etc.

**JLC – Quem quiser participar deve fazer o que?**

Ramirez: Primeiro entrar em contato pelo e-mail: contato@revolucao.org e em seguida participar das reuniões preparatórias em sua cidade, nessas reuniões são discutidos os textos base para o encontro e as campanhas financeiras para garantir o acampamento. Se na cidade do jovem interessado em participar não tiver programada nenhuma reunião, ele poderá fazer uma inscrição individual. Também poderá chamar amigos que estudam ou trabalham com ele e organizar

uma delegação. No encontro haverá algumas votações que estes que estão indo pela primeira vez votarão como “convidados”.

**JLC: E sobre a proposta de fusão com a Esquerda Marxista?**

Ramirez: Essa proposta foi apresentada à JR no 10º ENJR, em Joinville, no dia 3 de Fevereiro deste ano. No Encontro todos os presentes manifestaram acordo, mas decidimos levar a discussão para os núcleos da JR e para todos aqueles que militam na JR, mas não estavam presentes em Joinville. Portanto, será agora em Julho que devemos tomar posição. As discussões tem ocorrido nos núcleos e reuniões preparatórias e ninguém tem se posicionado contra. Alguns jovens questionam a relação com o PT, mas onde a discussão tem sido feita com militantes da EM presentes, todos saem convencidos da justeza da linha de estar no Partido dos Trabalhadores. Eu mesmo sou militante da Esquerda Marxista e acho que essa fusão só vai melhorar as coisas. Estou certo que os jovens que hoje são da JR, mas não são da EM, vão ajudar muito na nossa construção e o método bolchevique da EM vai ajudar a JR a impulsionar as coisas de maneira muito mais eficaz.

**JLC – Um recado para a juventude.**

Ramirez: Sempre que os jovens e os trabalhadores se organizaram conquistaram vitórias. Temos uma grande luta pela frente, e faremos junto com os operários na luta de classes, para por fim de vez ao capitalismo e conquistar o Socialismo, um mundo onde a juventude tenha direito ao lazer e a diversão, à cultura e o trabalho, enfim a vida plena de felicidades. Visite nosso site [www.revolucao.org](http://www.revolucao.org) e organize-se conosco!

## RAZÃO X SUPERSTIÇÃO

# Einstein e a religião

LUIZ BICALHO

Essa foto de Einstein com os cabelos despenteados e a língua de fora é, na maioria do mundo, a imagem do cientista “padrão”: alguém um pouco doido, meio fora da realidade, lidando com coisas incompreensíveis para a maioria. Assim, a divulgação de uma carta de Einstein em que ele trata a religião como superstição leva a manchetes no mundo inteiro. E o que tem isso de verdade?

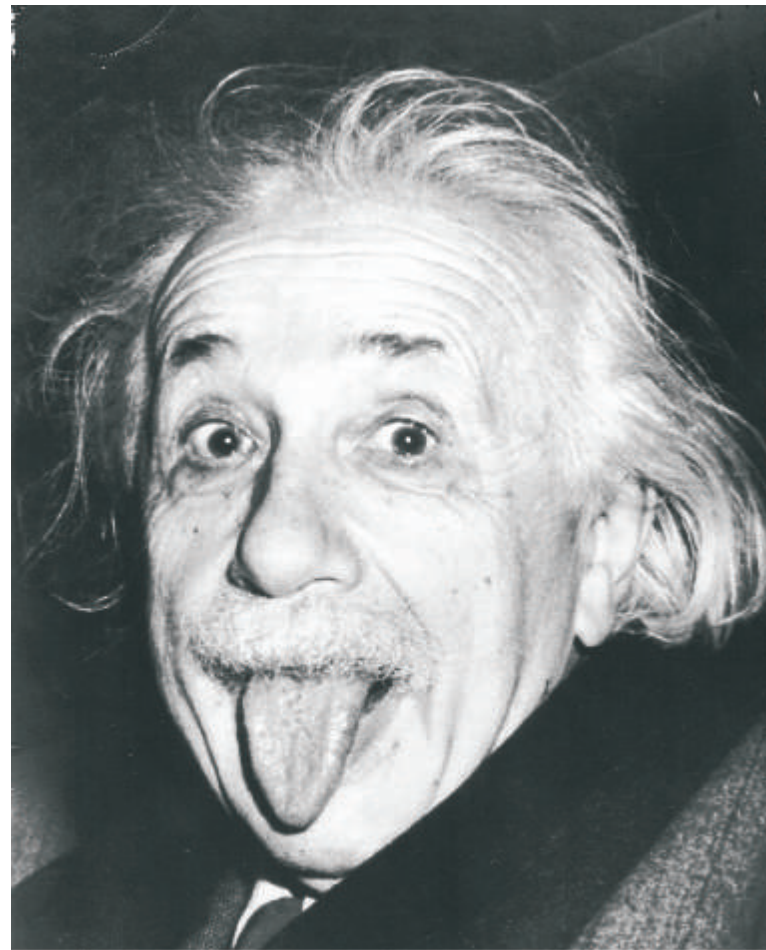
O Autor de “Deus, um delírio”, o biólogo Richard Dawkins, constata que a maioria dos biólogos são ateus, mas isto não é tão verdade quando se trata de físicos. Ele tem razão. E isto começa, na verdade, com Newton. Newton, depois de suas descobertas, escreveu mais sobre alquimia do que sobre física. E ele não

teve nunca a pretensão de “acabar com Deus”. Ele pretendia somente explicar o movimento dos corpos físicos e, em particular, dos planetas. A expansão de suas idéias vai levar depois o cômico Laplace a proclamar sobre Deus: “não preciso desta hipótese”. Mas o cômico estava errado: a mecânica de Newton e Einstein (mecânica clássica e mecânica relativística) estabelecem, pelos seus pressupostos, a previsão do futuro. Em outras palavras: é possível conhecer todo o futuro, o futuro estará então, em certo sentido, pré-determinado pela posição e velocidade das partículas (sendo ou não conhecido todas as velocidades e posições) e pelas leis que as regem (mecânica clássica e depois mecânica relativística). Esta é uma posição idealista, que necessita de um Deus para sustentá-la até o fim. É desta posição que nasce a famosa teoria do big-bang, teo-

ria idealista em todos os sentidos (ver artigo na edição anterior deste Jornal).

Isto quer dizer que os físicos são idealistas até o fim? Não necessariamente. Carl Sagan e um grande número de físicos adotam uma posição de dúvida: não temos provas de que Deus exista. Mas estas duas teorias não explicam tudo. Ao tentar conhecer as partículas pequenas, os átomos e seus componentes, os físicos foram obrigados a construir uma nova teoria: a mecânica quântica, onde o futuro não é mais previsível. Einstein, em um comentário famoso, dizia que recusava-se a acreditar que Deus jogasse dados. Em outras palavras, Einstein recusava-se a reconhecer que o futuro não fosse totalmente previsível. Em termos filosóficos, o seu comentário é idealista.

A teoria da evolução e a mecânica quântica são as gran-



des sínteses científicas que trabalham com o aleatório em vez do determinismo. Einstein, que nunca aceitou os resultados da mecânica quântica tinha, neste sentido, uma posição idealista. Mas ele nunca foi, como não o são a maioria dos grandes cientistas, um supersticioso que

acreditasse em deuses como o da Bíblia ou do Corão. E é isto que a carta confirma. Voltaremos em próximo artigo sobre a questão da realidade física e da “superstição científica” tão em voga nos dias de hoje e que Einstein e outros grandes físicos combateram.

## ÓPERA E MARXISMO

# As bodas de Fígaro e a Revolução Francesa

(Trechos de texto de Alan Woods, publicado em [www.marxist.com](http://www.marxist.com))

Wolfgang Amadeus Mozart é considerado por muitos como o melhor músico de todos os tempos. Ele foi revolucionário em muitos sentidos. Uma de suas conquistas mais importantes foi no terreno da ópera. Antes de Mozart, a ópera era considerada uma arte exclusiva das classes superiores. Com As bodas de Fígaro (1782) tudo isto muda, é uma declaração de guerra do servo contra o seu senhor. Neste contexto, não há dúvidas de onde se encontram as simpatias de Mozart. Esta era uma sociedade feudal, dominada pelos nobres, estendendo-se desde os grandes senhores da terra ao pequeno proprietário local, e todos eles exercem a sua tirania sobre as massas e não apenas sobre os camponeses

que cultivavam suas terras.

Sua primeira representação em Paris provocou um tumulto em que três pessoas morreram pisoteadas pela multidão. Este incidente foi um sinal evidente da fermentação que se estava produzindo na sociedade francesa da época. Cinco anos depois a Bastilha foi tomada. Muitos daqueles ricos patrocinadores das artes que riram e vaiaram, de acordo com suas preferências artísticas e políticas, acabaram na guilhotina.

Fígaro é uma comédia, mas contém uma séria mensagem.

Um grande artista, mesmo quando pouco compreende de política, algumas vezes é capaz de perceber e de sentir um ambiente determinado que

esteja se desenvolvendo na sociedade e de lhe dar uma expressão mais profunda e sincera até mesmo antes que os protagonistas do processo histórico o expressem conscientemente. Por seu lado, Mozart não era um revolucionário no sentido político. Mas era um produto da ilustração que foi capaz de refletir perfeitamente em sua arte o clima geral da época em que viveu. Isto, por um lado, não foi casualidade, mas emanava de sua experiência pessoal que lhe deixou um profundo ódio à injustiça e simpatia pelos desvalidos, lutando por seus direitos, pela liberdade ou pela dignidade humana.

Aqui, pela primeira vez, desembocamos na presença, não de deuses ou deusas, ou heróis clássicos, ninfas ou pastores, mas de homens e mulheres normais: servos domésticos.

Entramos em suas casas e vemos como vivem, pensam e sentem. Era a primeira vez que este episódio era representado num palco.

No final, os servos podem entrar no salão e dançar durante as bodas de Fígaro. As massas aparecem como protagonistas vitoriosos, não como figuras anônimas escondidas sob a terra, mas como indivíduos reais com faculdades, características, sentimentos e aspirações próprias. A visão destes homens e mulheres dançando em triunfo no salão do aristocrata está plena de significado histórico. Tanto é uma alegoria quanto uma antecipação musical dos acontecimentos que três anos depois se tornariam realidade.

As bodas de Fígaro, com suas melodias contagiantes, seu bom humor e polêmico argumento, foi um grande êxito.

Em um aspecto As bodas de Fígaro deixa de lado tanto a história como a vida real, mas apenas de forma relativa. No final do Quarto Ato, o conde e a condessa se reconciliam, o conde se arrepende de seus pecados. Depois, todos se reconciliam e cantam em harmonia, e assim a obra termina com final feliz. Mas é essencial a toda comédia ter um final feliz, senão não seria comédia. E todos sabem que estes finais têm muito pouco a ver com a vida real. Sabemos que a reconciliação temporária entre classes antagônicas não pode durar muito, como também sabemos que o conde continuaria correndo atrás de outras criadas na primeira oportunidade.

O nome de Mozart será lembrado e reverenciado por milhões.